

**GÊNERO, IDENTIDADE DE GÊNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL
NA SALA DE AULA: A PARTICIPAÇÃO LGBTQIA+ NAS ESCOLAS
DA REGIÃO METROPOLITANA DE BELÉM DO PARÁ**

Antonio Carlos Pereira MORAIS¹
Marcel Franco da SILVA²

Recebido: 25/04/2022

Aceito: 22/05/2022

RESUMO

O presente artigo visa apresentar uma breve situação da participação LGBTQIA+ nas escolas da região metropolitana de Belém-PA, valendo-se, para isso, da aplicação de entrevista a docentes e levantamento bibliográfico para verificar a falta de engajamento do Estado e de movimentos sociais pró-LGBTQIA+ nas ações pedagógicas permanentemente. Para execução dessa atividade, valeu-se do método quantitativo e estabeleceu-se análises comparativas e críticas sobre as narrativas produzidas pelos agentes educadores, ministrante das disciplinas (Língua Inglesa e Ciências Biológicas), e rede de ensino (pública e particular) diferentes. Os sujeitos foram entrevistados no período de março de 2022, remotamente por meio do aplicativo WhatsApp.

PALAVRAS-CHAVE: LGBTQIA+. Movimentos Sociais. Órgãos Públicos. Contexto Escolar; Ausência.

**GENDER, GENDER IDENTITY AND SEXUAL ORIENTATION
IN THE CLASSROOM: LGBTQIA+ PARTICIPATION IN SCHOOLS
OF THE METROPOLITAN REGION OF BELÉM OF THE PARÁ**

ABSTRACT

This article aims to present a brief overview of the situation of LGBTQIA+ participation in schools in the metropolitan region of Belém-PA, using, for this, the application of an interview with teachers and a bibliographic survey to verify the lack of engagement of the State and of social movements that include LGBTQIA+ in pedagogical actions permanently. In order to carry out this activity, the quantitative method was used and comparative and critical analyzes were established on the narratives produced by the educational agents, those who taught the different subjects (English Language and Biological Sciences), and the teaching network (public and private). The subjects were interviewed in the period of March 2022, remotely through the WhatsApp application.

KEYWORDS: LGBTQIA+. Social Movements. Public Agencies. School Context; Absence.

¹ Graduado em Letras-Língua Portuguesa/Inglês, FIBRA; pós-graduado em Educação Especial com Ênfase em AEE e Docência do Ensino Superior, UNIFATEC; pós-graduado em Especialização em Didática e Prática Pedagógica na Educação Básica, UNIFESSPA; membro do Grupo de Pesquisa “Letramento no Ensino-Aprendizagem de Língua Portuguesa”, GEPLALP. E-mail: cacomorais220@gmail.com

² Graduado em Letras-Língua Portuguesa, UEPA; mestre em Ciências da Religião, UEPA; professor colaborador da Faculdade de Letras, Campus Universitário do Marajó/Breves, UFPA; membro do Grupo de Pesquisa “Estudos de Gênero e Raça”, EGERA, UFPA; e-mail: marcelpa@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O município de Belém do Pará tem uma relevância histórica no cenário da mobilização social contra a LGBTQIAfobia, desde a tradicional Festa “As Filhas da Chiquita”, surgida na metade da década de 1970. A festividade ocorre tradicionalmente na noite do sábado anterior ao Círio de Nazaré, nas dependências da Praça da República (Bar do Parque), congregando um número expressivo de pessoas LGBTQIA+ que surgem para participar das atrações musicais comandadas pelo cantor Elói Iglesias e, também, há menções honrosas às personalidades e figuras públicas engajadas na luta pelos direitos da comunidade LGBTQIA+ do Estado do Pará: o troféu “Veado de Ouro”. (ROZARIO, 2016).

Tendo como referência uma fala muito difundida entre os participantes da Festa da Chiquita, de que esta seria “a primeira parada gay do mundo”, proponho também que se pense na Chiquita a partir das interlocuções que se faz com o Movimento LGBT do Estado do Pará, visto que nos últimos anos este ajuda na organização da Festa e na obtenção de recursos para sua realização, assim como no diálogo que mantém com os órgãos de segurança pública, por conta da organização da Parada do Orgulho LGBT da capital paraense pelo Movimento (FILHO, 2012, p. 18).

É preciso referenciar a essa festividade LGBTQIA+ no contexto da capital paraense para se entender como surgiram as mobilizações sobre a organização da comunidade para a criação dos movimentos sociais que focam a diversidade de gênero. “As Filhas da Chiquita” é um movimento pioneiro que criou condições para o surgimento das Paradas do Orgulho Gay em Belém, dos movimentos, ONGS’s, associações, órgãos de Estados e grupos partidários que defendem a luta pelos direitos da pessoa LGBTQIA+.

Em Belém do Pará, as organizações Somos e a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis (ABGLT) influenciaram o modelo seguido por dezenas de entidades e organizações. Nesse processo de mobilização social brasileira, destacam-se os movimentos LGBT da região paraense, dentre eles os principais surgidos a partir da década de 1990: o Movimento LGBT, o Grupo de Homossexuais do Pará (GHP), ONG COR (Cidadania, Orgulho e Respeito), Grupo Pela Livre Orientação Sexual (APOLO) e o Grupo de Travestis e Transexuais de Belém (GRETTE), OLIVIA, ELLOS e ENTRE ELES. (ROZARIO, 2020, p. 18).

Mas a preocupante que se traz nesse artigo é saber como os movimentos sociais e setores de Governo têm se preocupado em trabalhar os direitos da população LGBTQIA+ dentro das

instituições de formação de conhecimento fundamental e básico: as escolas. Por isso, traremos à baila esse objetivo e analisaremos, ainda que experimentalmente, a urgente necessidade da parceria movimentos LGBTQIA+ com a escolas de ensino básico da capital paraense, como tentativa de amenizar problemas pertinentes como o da LBGTQIAfobia, garantia de direitos, saúde, educação humanitária aos pertencentes a essa maioria que histórica e culturalmente é excluída das camadas sócio-participativas da metrópole da Amazônia.

REFERENCIAL TEÓRICO

O pesquisador Elton Santa Brígida do Rozario, em sua dissertação de mestrado “Para Além das Plumas e Paetês”: A Atuação no Movimento LGBT de Belém-PA no Enfrentamento à LGBTfobia” (ROZARIO, 2016), investigou a atuação do Movimento LGBTQIA+ no município de Belém do Pará, observando as violações dos sujeitos LGBTQIA+ no que tange ao caráter identitário desses atores, dos seus movimentos e direitos sócio e politicamente constituídos.

O estudioso também revelou enfoques mais amplos sobre o “processo sócio-histórico do Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoção de Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (CNCD/LGBT), a partir de sua institucionalização e da participação de su@s conselheir@s” (IDEM), apontando a dicotomia entre sociedade civil e Estado, no que diz respeito às lutas e direitos da população LGBTQIA+. Na tese de doutorado intitulada “Vozes Historicamente Silenciadas: a (re)existência do Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoção de Direitos de LGBT (CNCD/LGBT) na conjuntura de pós-democracia brasileira” (ROZARIO, 2020), Elton S. B. do Rozario traz investigações atuais sobre a situação do LGBTQIA+ em nosso país, abrindo pautas para levantamentos sobre protagonismo da comunidade “historicamente silenciada” que precisam cada vez mais das presenças de ações efetivas que garantas seus direitos constitucionais.

Não se pode deixar de mencionar os trabalhos acadêmicos sobre gênero, identidade de gênero e políticas LGBTQIA+ no Pará, tais como o de Izabela Jatene de Souza³, Maria das

³ In “**Tribos urbanas**” em Belém: Drag Queens - Rainhas ou Dragões? Dissertação (Mestrado) – Curso de Mestrado em Antropologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 1997.

Graças dos Santos Brito⁴, Fabrício Rodrigo Silva de Araújo⁵, Maria Jeane da Silva Cavalcante⁶, Rubens da Silva Ferreira⁷, Aline Beckmann Meneses⁸, Eli do Socorro Pinheiro Teixeira⁹ e Samuel Luiz de Souza Júnior¹⁰. Esses pesquisadores desenvolveram estudos de suma importância para entender a linha do tempo da comunidade LGBTQIA+ na Região Norte do Brasil e foram revistos para balizar a composição deste artigo.

Ao revisitarmos a literatura desses autores constatamos a baixa atuação da escola e das entidades (movimentos, associações, grupos partidários e secretarias municipais e estaduais) no combate efetivo à LGBTQIAfobia, à discriminação, ao preconceito e em prol de assistência a essa maioria que precisa ter respeitada sua liberdade de gênero, identidade e orientação sexual, na grande região metropolitana do Pará.

Conforme os PCN (1998, p. 34):

(...) a orientação sexual na escola deve ser entendida como um processo de intervenção pedagógica que tem como objetivo transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associados.

Desde os PCN até os dias atuais, muitas foram as conquistas para assegurar os direitos da pessoa LGBTQIA+, mas há uma constante emergência para rediscutir a “Educação para a Sexualidade” (BARROS, 2010). De acordo com a pesquisadora Suzana Barros, para que “a escola faça o contraponto, reflita, discuta e desestabilize alguns modelos hegemônicos

⁴ **In Homossexualidade: História, Vida e Luta.** Trabalho de Conclusão de Curso, Curso de Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Belém, 2000.

⁵ **In Desmistificando os ‘Balaços de Gatos’:** a Heterogeneidade Homossexual. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Belém, 2004.

⁶ **In O Movimento Homossexual em Belém do Pará:** uma aproximação à luz da experiência do Grupo Homossexual do Pará. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Belém, 2005.

⁷ **In As ‘Bonecas’ da Pista no Horizonte da Cidadania:** uma Jornada no Cotidiano Travesti em Belém. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Planejamento do Desenvolvimento, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2003.

⁸ **In Análise da Investigação dos Determinantes do Comportamento Homossexual Humano.** Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Belém, 2005.

⁹ **In Demandas Homoeróticas e Adoção em Belém.** Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.

¹⁰ **In Direitos sexuais e políticas públicas:** o combate à discriminação para concretização dos direitos humanos de Lésbicas, Gays, Travestis e Transexuais (LGBT) no Estado do Pará. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.

referentes às temáticas de corpo, gênero e sexualidade” (IDEM, p. 63) é muito importante o estabelecimento de parcerias com instituições que, historicamente, tem se objetivado a lutar e defender o LGBTQIA+ e que essas não atenham a uma visibilidade de interesse midiático e/ou festivo (como o das Paradas de Orgulho Gay etc.).

Sobre esse problema é que, também, se pensou essa pesquisa, refletindo, sobretudo o contexto da capital paraense que há muito tem travado lutas, garantias de espaços e direitos para a população LGBTQIA+ que tem sido desassistida pelas ausências de políticas públicas de promoção da liberdade de gênero, identidade e orientação sexual no âmbito escolar. No cotidiano escolar paraense tem-se verificado o preconceito e o silenciamento da diversidade sexual. Desse modo, considerar-se-á as respostas dos agentes educacionais para a compreensão da problemática exposta, as quais foram obtidas por meio de entrevistas aplicadas remotamente (em interações comunicativas WhatsApp).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para desenvolver esse estudo considerou-se, experimentalmente, uma abordagem qualitativa de aplicação de entrevistas a 2 (dois) profissionais da educação básica da capital paraense, com 14 (quatorze) perguntas sobre o tema “Gênero, Identidade de Gênero e Orientação Sexual na Sala de Aula: A Participação do LBTQIA+ nas Escolas da Região Metropolitana de Belém do Pará”.

A utilização de metodologia de pesquisa qualitativa¹¹ possibilitou, conforme Creswell (2010), o estabelecimento de “um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano” (p. 43). Nesse estudo o pesquisador procurou atuar na interpretação dos resultados obtidos por meio da entrevista.

Para verificar a situação do enfoque sobre gênero, identidade de gênero e orientação sexual na sala de aula das escolas da região metropolitana de Belém do Pará, uma entrevista foi aplicada remotamente (via rede social do WhatsApp), na primeira quinzena do mês de março

¹¹ Elaborada a partir da leitura dos textos de Eva Maria Lakatos e Marina de Andrade Marconi (*in Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados*, 3. ed., São Paulo, Atlas, 1996).

de 2022. O instrumento de pesquisa foi previamente elaborado pelo pesquisador e consta no apêndice deste texto.

Os entrevistados optaram por não serem identificados nessa pesquisa para a preservação das suas imagens públicas e evitar sofrer retaliação no campo profissional. A saber, todos os questionados são naturais de Belém do Pará, têm faixas etárias diferentes (um tem 25 anos a mais que o outro, um atua no ensino de Língua Estrangeira Moderna na rede ensino do Estado e outro é docente de Ciências Biológicas e leciona exclusivamente em escolas da rede particular).

Além da aplicação de um conjunto de perguntas (previamente elaborado), procurou-se fazer um levantamento bibliográfico¹² para saber sobre ações efetivas dos movimentos sociais, grupos ativistas e órgãos do Estado e do município nas escolas de ensino básico de Belém do Pará. Infelizmente, notou-se a ausência de atividades dessa natureza.

A Gerência de Proteção à Livre Orientação Sexual – GLOS, da Secretaria de Justiça e Direitos Humanos do Estado do Pará – SEJUDH, bem como o Conselho Estadual da Diversidade Sexual – CEDS não desenvolvem fóruns permanentes nas escolas de ensino básico da capital, tampouco procuram auxiliar maciçamente os educadores em campanhas e formação docente para atenuar os casos de LGBTQIAfobia nas escolas. Nas teses, dissertações, TCC's e artigos pesquisados essa lacuna é outro silêncio que impacta nos casos de violência e exclusão da diversidade sexual nas escolas.

Também considerou a investigação de grupos e movimentos sociais LGBTQIA+ no contexto escolar e, de igual forma, também se constatou a ausências dessas instituições para ajudar o enfrentamento do preconceito e discriminação sexual no sistema de ensino. Ações desses segmentos, das gestões municipais e dos grupos de diversidade sexual criadas dentro de partidos políticos não se debruçam num projeto contínuo e participativo com educadores e educandos, entendendo-se, assim, a omissão desses mecanismos de defesa do LGBTQIA+ fora do contexto fundamental da vida de todo ser humano: a escola.

¹² Segundo Antonio Carlos Gil, a “pesquisa bibliografia é desenvolvida com base material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente de fonte bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisa bibliográfica.” (2002, p. 44).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando perguntados sobre o que entendiam por gênero, identidade de gênero, orientação sexual e como eles lidam com essa questão nas suas práticas pedagógicas, os colaboradores deram as seguintes afirmações:

A identidade de gênero diz respeito a como a pessoa se sente e se percebe em relação ao seu gênero. Quanto à identidade de gênero pode ser feminina, masculina, trans e travesti. Quanto à prática pedagógica procuro trabalhar com os alunos valores de igualdade e respeito entre pessoas de sexos diferentes. (SUJEITO “X”, entrevista concedida em 13/03/2022).

Sempre achei que gênero, identidade de gênero e orientação sexual tivessem suas diferenças particulares, porém, buscando defender um único conceito relacionado à sexualidade de um indivíduo. Não possuo informações específicas sobre o assunto e quando surgem ocorrências, sempre busco apoio com os profissionais que até então todas as escolas que leciono possuem. (SUJEITO “Y”, entrevista concedida em 14/03/2022).

Nota-se que na narrativa do sujeito “X” há um engajamento e uma preocupação com a formação e informação sobre o assunto, enquanto que o sujeito “Y” não tem muita compreensão sobre gênero, identidade de gênero e orientação sexual, afirmando que “defende um único conceito”, quando é sabido que há diferenças conceituais sobre os termos. Outro quesito é que “X” tem mais flexibilidade em lidar com a questão de gêneros em sua ação pedagógica, ao passo que “Y” não detém conhecimento que julga ser específico e tal assunto, segundo ele, é de responsabilidade de outros profissionais (aqui percebe-se uma isenção e falta de compromisso com o tema).

Para todos os entrevistados os estudantes LGBTQIA+ participam ativamente de suas aulas, sem exaltação ou discriminação de suas diferenças identitárias e diversidades sexuais, o que é um ponto significativo nessa análise.

O sujeito “Y” alega que

Por ser responsável pelo ensino de biologia, uma disciplina que possui temas relacionados, eu busco sempre esclarecer os fundamentos biológicos e tento sempre amenizar os impactos e os tabus que os termos relacionados à sexualidade carregam. Após “preparar o terreno” e manter os estudantes cientes dos termos e seu real significado para o tema abordado, utilizo diversas situações-problema para exemplificar, principalmente, os métodos contraceptivos e principalmente transmissões de infecções sexualmente transmissíveis (IST’S). Nesse momento, englobo toda sociedade e deixo

explícito as chances e riscos que todos os indivíduos possuem, independente de raça, cor, religião e no caso, de orientação sexual. A partir disso, acredito que os estudantes consigam se sentir mais à vontade, de uma forma que buscam através de indagações durante a aula, saber mais sobre o assunto. A troca de conhecimento é mútua, na minha posição, como professor, sempre os respeito e de fato, os reconheço da forma em que se apresentam a mim. Ou seja, o respeito entre professor-aluno e a confiança nesses determinados assuntos, ajudam para que o estudante se sinta mais pertencente de todo o processo de ensino e aprendizagem. (SUJEITO “Y”, entrevista concedida em 14/03/2022).

Esse profissional desenvolve um papel sumamente importante para a população LGBTQIA+ no que diz respeito à saúde. Sendo um assunto considerado tabu para certas estruturas sociais e familiares, o docente procura mostrar a necessidade da prevenção em face das doenças sexualmente transmissíveis, mostrando, inclusive que é um assunto que interessa a todas as pessoas, “independente de raça cor, religião e, no caso, orientação sexual”. O engajamento desse profissional é maior em relação ao outro entrevistado, principalmente por atuar no campo das Ciências Biológicas e estar afinado às consequências dos danos à saúde que as doenças podem acarretar.

Sobre o papel da sua escola no acolhimento da população LGBTQIA+ e a existência de algum projeto específico para esse grupo, um docente afirmou que sua “escola é bem acolhedora, se faz palestras abordando o assunto, mas infelizmente ainda não há projetos específicos voltados a esse público”, outro disse que há suporte e apoio para os estudantes que fazem parte da população LGBTQIA+, mas que não tem conhecimento se existem alguns processos específicos para essas pessoas.

Quanto à atuação da gestão pública (Prefeitura, Estado, órgãos de governo) movimentos sociais, grupos e ONG’s LGBTQIA+ no espaço escolar, todos os entrevistados foram de consenso que não há nenhuma intervenção ou projetos e que essas instituições estão totalmente ausente dos espaços educacionais, o que reafirma a hipótese mencionada no processo metodológico e conforme afirma o sujeito “Y”: “Se houve formações, as divulgações não chegaram até a mim. Mas não seria nenhum esforço participar de um momento de troca de informações com um representante de ONG’S LGBTQIA+ como mediador.” (Entrevista concedida em 14/03/2022).

Sobre os casos de discriminação à pessoa LGBTQIA+ em seus contextos de atuação escolar, o sujeito “X” não consegue verificar a existência desse problema por trabalhar em espaço amplo e com contingente grande de alunos. O outro docente aponta que

Houve um momento que já fui abordado por uma aluna que me pediu para que passasse a me referir a ela por seu sobrenome, já que não se sentia correspondente e confortável ser chamada por seu primeiro nome que é feminino. Assim como já houve situações parecidas com outros estudantes. (Entrevista concedida em 14/03/2022).

No ponto de vista do sujeito “X” o que pode vir a melhorar e contribuir para a educação da população LGBTQIA+ seria “a participação de ONG’s LGBTQIA+ que desenvolvessem projetos voltados à população em geral em parceria com a Secretaria de Estado de Educação e a comunidade escolar”. E, de igual forma, o sujeito “Y” acredita que “o melhor caminho é a educação, se houvermos na educação uma maior presença da comunidade LGBTQIA+, assim as mudanças serão mais expressivas.”

Quando perguntado sobre qual o papel da escola para o combate da homofobia, lesbifobia, transfobia, HIVfobia e sobre o que eles poderiam fazer para orientar o estudante LGBTQIA+ para ocupação dos seus espaços e direitos sociais, os sujeitos responderam:

A escola precisa proporcionar a todos os seus sujeitos um ambiente de acolhimento e participação ativa em que as particularidades da vida de cada um não sejam motivos que despertem o preconceito e a discriminação, orientando seus alunos a respeito do assunto abordado. (SUJEITO “X”, entrevista concedida em 13/03/2022).

A Instituição deve participar da conscientização de todos os indivíduos que façam parte da comunidade escolar e se expandido para todos os demais espaços a importância da ocupação da comunidade LGBTQIA+ em diversos setores da sociedade. (SUJEITO “Y”, entrevista concedida em 14/03/2022)

As narrativas desses sujeitos demonstram o papel fundamental escolar em proporcionar um espaço acolhedor a todos e todas, buscando conscientizar todas as pessoas para participar/ocupar os seus espaços de direito, sem exaltação dos preconceitos e discriminação às diversidades de gênero, identidade de gênero e liberdade de orientação sexual, assegurando, com isso, que a máxima de empoderamento maciçamente dita na atualidade: “A escola é para TODOS!”

Mas se queremos uma escola para TODOS precisamos garantir a presença de TODOS não apenas no ativismo nas ruas, nas Paradas do Orgulho LGBTQIA+, nos setoriais de Governo, de partidos políticos e movimentos sociais. Precisamos que TODOS encontrem no espaço escolar um lugar de não-silenciamento e de defesa dos direitos da população LGBTQIA+.

Em relação à situação da participação dos movimentos sociais LGBTQIA+ e órgãos de Governo na Região metropolitana de Belém do Pará, de acordo com os entrevistados, verificamos a falta de ações educativas permanentes/itinerantes que envolvam o tema da diversidade sexual no âmbito escolar. Isso chamou-nos a atenção porque a escola — enquanto formadora e desenvolvedora de cada indivíduo em seus aspectos cultural, social e cognitivo — também deve promover políticas de pluralidade de gênero, quer seja por meio do Estado, quer seja por intermédio de entidades não-governamentais, para que se possa atenuar os problemas de LGBTQIAfobia que se tem apresentado em índices alarmantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os movimentos vêm sofrendo constantes críticas por parte da própria militância LGBT e são problematizações internas recentes no que diz respeito à imparcialidade e inferências político-partidárias. Esses elementos interferem na autonomia dos movimentos, uma vez que a maioria dos grupos participam de programas governamentais e possuem afinidades com determinados partidos políticos e governos. O maior desafio dos movimentos LGBT está na estrutura de formação, independência e olhar crítico referentes às políticas públicas. (ROZARIO, 2020, p. 20).

O breve estudo proposto nesse artigo reafirma as críticas aos movimentos LGBTQIA+ que têm desviado o sentido de luta dos seus pares socialmente discriminados. O problema das interferências político-partidária e a busca intensa de trocas com os órgãos de Governo (cabides de emprego) criam desafios enormes para que os grupos e intuições de defesa do gênero, da identidade de gênero e liberdade de orientação sexual se voltem para sua premissa fundamental que é a luta de classe, atuando principalmente na esfera fundamental e basilar da sociedade: a sala de aula (escola).

A ausência dos movimentos LGBTQIA+ e dos órgãos de governo nas redes de ensino da grande Belém só fazem aumentar casos de homofobia, lesbifobia, transfobia e,

principalmente, fazem da cidade mal-informada sobre casos crescentes de aumento da infecção por HIV/AIDS. Estudos recentes mostram que Belém é a 4ª cidade no Brasil com maior índice de infecção pelo Vírus da Imunodeficiência Adquirida. Registram-se 6,455 casos a cada 100 mil habitantes da capital paraense, ficando atrás somente de três cidade no Rio Grande do Sul (Rio Grande, Porto Alegre e Nova Hamburgo), segundo dados do Ministério da Saúde em 2018¹³.

A breve coleta de dados que se estabeleceu aqui não revela toda a situação da saúde e das políticas de defesa da população LGBTQIA+, mas aguça para uma investigação mais profunda sobre o assunto que possa servir de estudo e instrumento de combate à LGBTQIAfobia, de afirmação dos direitos da diversidade sexual, da saúde e da promoção das pessoas LGBTQIA+, partindo fundamentalmente dos contextos reacionários, revolucionários, transformadores e formadores que são as nossas escolas e seus agentes de ensino e aprendizagem.

É sempre necessário ressaltar que a escola é um dos meios mais importante para o debate sobre gênero, identidades e liberdade de orientação da sexualidade, por isso ela precisa do suporte de intuições que asseguram os direitos da pessoa LGBTQIA+, uma vez que:

em geral, a escola é o primeiro espaço social do qual a criança participa em seu contato com o mundo fora de casa; b) o tempo que os indivíduos passam na escola é considerável; c) o papel de autoridade no gerenciamento dos significados construídos nesse contexto é desempenhado pelo professor; e d) o crédito social que esses significados normalmente (...) têm um papel central nos processos de construção da identidade social dos alunos. (LOPES, 2002, p. 200).

É claro que não é somente a escola e os seus agentes educadores os únicos responsáveis pelo combate à LGBTQIAfobia, mas eles desempenham um papel fundamental na sociedade por auxiliarem na formação dos alunos e ajudá-los na produção de seus valores individuais. Por essa razão, é indispensável dizer, repetidamente, que a educação é para Todes e que o ativismo LGBTQIA+ precisa se fazer presente no projeto pedagógico da escola.

¹³ Cf. Matéria jornalística publicada no Portal G1 (em parceria com a RBS TV), intitulada “Rio Grande do Sul tem seis entre 10 cidades com mais casos de Aids no país”. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2018/11/30/rio-grande-do-sul-tem-seis-entre-10-cidades-com-mais-casos-de-aids-no-pais.ghtml>. Acesso em: 02 mar. 2022.



REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Fabrício Rodrigo Silva de. **Desmistificando os ‘Balaios de Gatos’**: a Heterogeneidade Homossexual. Trabalho de Conclusão de Curso - Curso de Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Belém, 2004.

BARROS, Suzana da Conceição de. **Corpos, Gêneros e Sexualidades**: um estudo com as equipes pedagógica e diretiva das escolas da região sul do RS. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências - Química da Vida e Saúde, Rio Grande, 2010.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Orientação Sexual**. In: _____ . **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 1998.

BRITO, Maria das Graças dos Santos. **Homossexualidade**: História, Vida e Luta. Trabalho de Conclusão de Curso - Curso de Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Belém, 2000.

CAVALCANTE, Maria Jeane da Silva. **O Movimento Homossexual em Belém do Pará**: uma aproximação à luz da experiência do Grupo Homossexual do Pará. Trabalho de Conclusão de Curso - Curso de Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Belém, 2005.

CRESWELL, John Ward. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

FERREIRA, Rubens da Silva. **As ‘Bonecas’ da Pista no Horizonte da Cidadania**: uma Jornada no Cotidiano Travesti em Belém. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Planejamento do Desenvolvimento, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2003.

FILHO, Milton Ribeiro da Silva. et al. **A Filha da Chiquita Bacana**: uma etnografia da Festa da Chiquita em Belém do Pará. 36º Encontro Anual da ANPOCS, 2012, Águas de Lindóia-SP. Anais eletrônicos... Águas de Lindóia: SBS, 2012. Disponível em: http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_details&gid=8229&Itemid=76. Acesso em: 02 mar 2022.

G1 RS; RBS TV. **Rio Grande do Sul tem seis entre 10 cidades com mais casos de Aids no país**. Notícias, 30/11/2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2018/11/30/rio-grande-do-sul-tem-seis-entre-10-cidades-com-mais-casos-de-aids-no-pais.ghtml>. Acesso em: 02 mar. 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MORAIS, Antonio Carlos Pereira; SILVA, Marcel Franco da. Gênero, Identidade de Gênero e Orientação Sexual na Sala de Aula: a Participação LGBTQIA+ nas Escolas da Região Metropolitana de Belém do Pará. In: *Revista Falas Breves*, n. 11, junho, 2022, Universidade Federal do Pará, *Campus* Universitário do Marajó-Breves, Breves-Pará. ISSN 23581069

JUNIOR, Samuel Luiz de Souza. **Direitos sexuais e políticas públicas: o combate à discriminação para concretização dos direitos humanos de Lésbicas, Gays, Travestis e Transexuais (LGBT) no Estado do Pará.** Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa:** planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

LOPES, Luiz Paulo da Moita. **Identidades fragmentadas:** a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2002.

MENESES, Aline Beckmann. **Análise da Investigação dos Determinantes do Comportamento Homossexual Humano.** Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Belém, 2005.

ROZARIO, Elton Santa Brígida do. **Para além das plumas e paetês: a atuação do Movimento LGBT de Belém-PA no enfrentamento à LGBTfobia.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Belém, 2016. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/9666>. Acesso em: 12 mar. 2022.

_____. **Vozes Historicamente Silenciadas:** a (re)existência do Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoção de Direitos de LGBT (CNCD/LGBT) na conjuntura de pós-democracia brasileira. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/36347/1/TESE%20FINAL%20PDF%20ELTON.pdf>. Acesso em 14 mar. 2022.

SOUZA, Izabela Jatene. **“Tribos urbanas” em Belém:** Drag Queens - Rainhas ou Dragões? Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Antropologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 1997.

TEIXEIRA, Eli do Socorro Pinheiro. **Demandas Homoeróticas e Adoção em Belém.** Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.

MORAIS, Antonio Carlos Pereira; SILVA, Marcel Franco da. Gênero, Identidade de Gênero e Orientação Sexual na Sala de Aula: a Participação LGBTQIA+ nas Escolas da Região Metropolitana de Belém do Pará. In: *Revista Falas Breves*, n. 11, junho, 2022, Universidade Federal do Pará, *Campus Universitário do Marajó-Breves*, Breves-Pará. ISSN 23581069

APÊNDICE

A) Entrevista aplicada aos professores via WhatsApp¹⁴:

- Primeiramente, você declara seu livre e espontâneo consentimento para esta pesquisa para fins estritamente acadêmicos sem fins lucrativos e textos presentes nessa entrevista?
- Você pode se expor nominalmente nesta pesquisa ou prefere ficar em anonimato para preservação da sua imagem ou evitar retaliação no campo profissional?
- Gostaria de saber sua idade, naturalidade, formação acadêmica, lugar(es) onde atua como docente, de qual(is) disciplina(s) e há quando tempo atua nesses estabelecimentos de ensino?
- Que você entende por gênero, identidade de gênero e orientação sexual? Você tem informação específica sobre o assunto? Como você lida com a essa questão na sua prática pedagógica?
- Onde você atua como docente, você verifica a participação da população LGBTQIA+ na sala de aula? Ele/Elas se sentem membro da comunidade escolar?
- Como você lida com o ensino/aprendizagem do sujeito LGBTQIA+? Você o integra em suas práticas pedagógicas?
- Qual o papel da sua escola no acolhimento da população LGBTQIA+? Existe algum projeto específico para esse grupo?
- Que suporte didático e pedagógico a escola ou você dispõem para mediar a educação do LGBTQIA+ na sala de aula?
- Os movimentos sociais, grupos e ONG's LGBTQIA+ da sua cidade desenvolvem projetos na sua escola ou são ausentes desse espaço?
- A prefeitura, o governo do Estado e secretarias de Governo auxiliam você e seus colegas de profissão na formação, informação e mecanismos para lidar com o ensino e participação do LGBTQIA+ em sua escola?
- Como você verifica casos de discriminação e preconceitos à sujeitos LGBTQIA+ em seu(s) contexto(s) de atuação escolar? Relate casos se houver.
- No seu ponto de vista, o que pode vir a melhorar e contribuir para a educação da população LGBTQIA+?
- Neste momento de retorno ao sistema de ensino presencial nas escolas (considerando a atenuação de casos da Pandemia de Covid 19), o que você acha que precisar avançar na temática de educação da comunidade LGBTQIA+? O que você pode fazer para melhorar para uma educação mais humanitária para as pessoas pertencentes desse grupo?
- Qual o papel da escola para o combate da homofobia, lesbifobia, transfobia, HIVfobia? O que você acredita que ela pode fazer para orientar o estudante LGBTQIA+ para ocupação dos seus espaços e direitos sociais?

¹⁴ Fonte: MORAIS, Antonio Carlos Pereira. Pesquisa de campo e coleta de dados (março/2022).